

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

Cremos que a melhor decisão tomada ultimamente a favor da terra fangueira foi a aprovação por parte da Assembleia Municipal da proposta apresentada pelo Eng. Adelino Carvalho do Vale onde se recomendava que todos os prédios a construir na parte velha do burgo tivessem na fachada as portas e janelas rodeadas de pedra granítica. É possível que a legislação adoptada faça aumentar (pouco) o preço das construções, mas sem dúvida que os novos prédios passam a dispôr de mais valia pelo melhoramento introduzido. Veja-se por acaso

HOC OPUS HIC LABOR EST

o modo airoso e sóbrio que hoje apresenta o edifício levantado na esquina da Rua da Cruz com a Rua Azevedo Coutinho. Toda a gente concorda que a graça da construção reside precisamente na moldura de pedra feita à volta de portas e janelas.

Aliás, a medida recentemente aprovada só peca por ser tardia. Com efeito, em Fão já se cometeram muitos atentados contra a estética urbanística local; levantaram-se a esmo prédios aberrantes, com cores agressivas, nada condizentes com a arquitectura do lugar. E o que afirmamos de Fão, afirmámo-lo igualmente da totalidade das aldeias do norte do país, muito devido sobretudo ao papel dos emigrantes que, eufóricos com o dinheiro angariado, procuram na terra erguer casas adornadas com as cores mais espampanantes, num desejo violento de adeus à pobreza de ontem e numa demonstração pletórica de capacidade financeira de hoje. Que sejam benvindos, que levantem muitas casas, mas tudo tem um limite.

No que a Fão diz respeito, podemos afirmar que a «iconoclastia» provem mais dos fangueiros de cá do que

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

GENERAL DR. EDUARDO DE JESUS TEIXEIRA

O olhar perspicaz de António da Silva Vieira, director de «O Esposendense», foi encontrar no jornal «O Primeiro de Janeiro» de 31 de Maio de 1913 uma pequena notícia, inserida na correspondência de Coimbra, onde se lia que naquela cidade havia falecido o dr. Eduardo Teixeira, general aposentado, que era natural de Fão, concelho de Esposende. O velho Vieira — nessa altura não era tão velho como isso — transcreveu para o seu jornal a referida informação colhida naquele diário portuense e nós, por simples acaso, ao folhearmos o antigo semanário de Esposende, demos com a referida nota, colocada fora da correspondência de Fão.

Tentámos depois colher em jornais da época outras informações complementares, se possível com fotografia, mas todos os nossos esforços foram improficuos. Recorremos então à amizade e boa vontade de um amigo lisboeta que amavelmente nos forneceu alguns dados.

A primeira dúvida que se nos deparou foi saber se o General Teixeira era um fangueiro de raiz, portanto, filho de fangueiros, ou se os seus pais se encontravam aqui de passagem e o rebento, fascinado osmoticamente pelas belezas da terra, resolveu fazer o desprendimento umbilical, talvez de uma forma prematura, no dia 30 de Maio de 1842. Mas não. Era fangueiro de gema como se pode verificar pela certidão de nascimento que em 1872 lhe foi passada pelo Prior Gonçalo Lourenço Carlos Viana; «... Eduardo, filho legítimo de Manoel Joaquim Teixeira e de Joana de Jesus Pinheiro, neto pela parte paterna de aniceto José de oliveira, natural da freguesia de Santiago d'Anha e de Rosa Victória da Silva, d'esta de São Paio de Fão, e pela parte materna, de José francisco Pinheiro e de Luisa Mendes, d'esta de São Paio de Fão...». Portanto, só um avô não nasceu em Fão. A que famílias poderá estar ligado? À do P.e Avelino? Dr. Franklin? Cecília Amorim? Aliás todas estas famílias têm o mesmo ramo comum. E ainda acrescentamos como hipótese as famílias de

Amândio de Oliveira Teixeira, comandante Teixeira e Clarinhas. A nossa propensão para o ligarmos a famílias economicamente capazes assente no pressuposto de que os familiares do nosso perfil de hoje dispunham igualmente de abastança suficiente para mandarem um filho seu estudar, primeiro para Braga ou Porto e depois para Coimbra.

O jovem Eduardo bacharelou-se em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Coimbra em 1870 com 28 anos, desconhecendo nós se fez a «tropa» no meio dos estudos ou no fim do curso. O certo é que a vida militar o atraiu e assim o vemos integrado no Serviço de Saúde do Exército, tendo sido nomeado cirurgião-ajudante em 6 de Setembro de 1872. Em Outubro de 1884 é promovido a cirurgião-mor e em 1897 a cirurgião de Brigada. Em 1899 está major e quatro anos depois exerce as funções de inspector para a Terceira Região Militar com o posto de Tenen-Coronel. Em 18 de Janeiro de 1908 é graduado com o posto de General de Brigada com o soldo de 96.000 reis mensais e nesse mesmo ano passa à reserva por ter sido julgado incapaz do serviço activo.

Foi ainda deputado em diversas legislaturas, mas não conseguimos saber em que partido ou partidos militou. Como deixámos antever pelas datas acima referenciadas, pertenceu à geração de 70 que grande convulsão provocou em todo o País.

(Continua na página 2)

Monsenhor Baptista de Sousa

O Arcipreste de Esposende recebeu as insígnias de Monsenhor no dia 1 do presente mês. As cerimónias religiosas realizaram-se da parte da manhã, na Igreja matriz, com a presença de muitos colegas, amigos e paroquianos do novo prupurado. À noite no salão paroquial realizou-se um jantar com um número significativo de pessoas.

Reiteramos a Monsenhor Baptista de Sousa os nossos cumprimentos.

Editorial


(Continuado da página 1)

de «estrangeiros» e no entanto continuaremos a afirmar que a riqueza da terra é a sua beleza, beleza da natureza envolvente e beleza do casario típico da zona da Areosa e do casario senhorial das Ruas Azevedo Coutinho e Dr. Manuel Pais.

Da natureza envolvente — mar, rio e pinhal — já aqui falamos em mais do que uma vez, visando a sua integridade e conservação. Mas a terra fangueira prolonga o «decor» paisagístico para o interior do povoado com ruas estreitinhas e um casario alternativo como acima dissemos. O que fazer então na terra em termos urbanísticos? Só uma coisa: manter a traça, manter o típico, fazer o que Óbidos tem feito. O actual «caixote» não tem guarida, na terra de Fão.

Quanto a pinturas? Aqui, como diz o tio Guimarães: «Hoc opus hic labor est» (Aqui é que a porca torce o rabo). Há casas pintadas à toa, com as cores mais «estrambólicas», desinseridas do contexto integrador.

Desconhecemos o que diz a lei sobre o assunto, ou seja sobre a obrigatoriedade de se pintar as casas dum certa maneira, mas sugerimos o que ela devia prescrever: a cor preferenciada em Fão devia ser a branca; outros desvios pictóricos não poderiam ser agressivos nem aberrantes.



Longa Vida

o que é bom da natureza

Estamos a lembrar a propósito a cidade de Beja com casas imaculadamente brancas em toda a urbe. E Óbidos, de casas impecavelmente estilizadas com as populações activamente interessadas na manutenção de um cunho tradicional. Lembramos ainda que os Serviços Técnicos da Câmara intervêm no feitio das alçadas, tamanho e desenho de portas e janelas, altura do pé direito, etc. Logo, pois, portanto e por conseguinte é de deduzir que possam ir além mais.

Era sobretudo importante que a Repartição Técnica da Câmara exercesse perante os munícipes uma acção eminentemente pedagógica que levasse as populações a aderir convenientemente a um tipo de habitação mais próxima da sua maneira de ser, mais próxima da maneira de ser da terra e da sua identidade.

ANÚNCIO

Buscas em jornais e documentos antigos c/ microfilmes ou fotocópias.

CONTACTE:

Jorge Sequeira
Biblioteca Nacional
Campo Grande
1751 Lisboa Codex

PELO HOSPITAL

No passado dia 21 de Novembro realizou-se a Assembleia Geral Ordinária para apresentação, discussão e votação do Orçamento e Plano de actividades para o ano de 1988. O número de irmãos foi reduzido. As despesas previstas devem atingir os 140.000 contos.

Em Dezembro vão iniciar-se obras com vista ao aumento do edifício do Hospital. A actual capela e o parque automóvel vão dar lugar a consultórios e gabinetes de diagnóstico.

Retalhos de poesia

RENÚNCIA...

*Estende as tuas mãos à desventura
Dá pão e abrigo, a quem procura
Um pouco de calor, no teu braseiro...
Abre o teu coração à caridade
Espalha à tua volta a claridade,
inunda de alegria o mundo inteiro!*

*Enxuga a lágrima vertida
Que vires deslizar por uma vida
Que a morte levou, sem compaixão.
Afaga, no teu peito, com carinho,
A cabeça do órfão pequenino
E preenche sua triste solidão!*

*Esquece tuas mágoas, tuas dores,
Sufoca teus anseios, teus amores,
E esmaga as tuas loucas esperanças...
Não olhes para ti, constantemente,
Vive apenas, para dar, suavemente,
Pão aos pobres e beijos às crianças.*

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

GENERAL DR. EDUARDO TEIXEIRA

(Continuado da página 1)

Não tem sido propósito desta secção aprofundar até ao limite possível os perfis aqui apresentados, a menos que essa devassa esteja ligada a aspectos curiosos da história de Fão, como aconteceu com Ernestino Sacramento. De qualquer modo seria interessante saber qual era, nessa altura, a ideologia do estudante e futuro deputado Eduardo de Jesus Teixeira. Como se sabe, a crise de 1870 começou com a célebre *questão Coimbrã*. O seu rastilho foi um prefácio que o venerável patriarca das letras portuguesas, António Feliciano de Castilho, escreveu para o livro «Poema da Mocidade» de pinheiro Chagas. O autor de «Címenes do Bardo» louvou a forma de poetar do autor, e zurziu com fortes vergastadas os «novos» poetas de entre os quais sobressaía com destaque o

vulto de Antero de Quental. Este respondeu-lhe dum forma violenta e irreverente numa carta que terminava assim: «É por estes motivos todos que lamento do fundo não me poder confessar, como desejaria, de V. Ex.^a nem admirador nem respeitador». Foi o início de uma revolução que sacudiu Coimbra e Portugal inteiro. É certo que não houve tiros nem guerra civil, mas também é verdade que não estava em causa uma questão propriamente literária mas sim e sobretudo uma questão social.

De que lado estava o nosso conterrâneo? Eis um aspecto que poderá interessar qualquer fangueiro mais curioso e que nós não tivemos tempo de esmiuçar. Importante foi sabermos que já tivemos um general nosso conterrâneo e que ainda por cima foi médico e deputado.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

Postal de Angola

I CAPÍTULO

Angola no coração de África pode dizer-se, que é um Mundo de etnias e contrastes.

Falar-se de Angola é por isso muito subjectivo.

Quando muito, poderemos falar de uma região, que mais ou menos conhecemos. Por isso me proponho aqui falar da região dos Dembos, particularmente do Dange, distrito do Uíge.

As terras do Dange, hoje concelho do Dange com sede no Quixete, compreendem; a margem direita do Rio do mesmo nome, até à confluência do rio Luika, é uma região vasta de solo muito fértil, onde a água abunda, factor primordial para o desenvolvimento da agricultura.

Geograficamente é uma região muito acidentada e quase coberta de florestas.

Ao centro eleva-se acima de tudo um morro que é visível de toda a região. Do seu lado sul tem um declive mais ou menos acessível mas, do lado norte, é uma falésia de muitas dezenas de metros de altura. Para os Europeus ele é o Morro de Cambamba, visto existir ali perto um povoado com esse nome; para os nativos ele é «Mukixe» — Lugar de Sacrificios. O morro visto de longe tem um aspecto sinistro e ameaçador.

Estas terras são povoadas por duas tribos. Os Mahungos e os Makambas. Os seus dialectos são completamente diferentes e são duma maneira geral hostis uns aos outros.

CARLOS MARIZ

Por ter atingido o limite do tempo de serviço, foi aposentado o nosso prezado conterrâneo, Carlos Domingues da Venda Mariz, do Centro do Departamento Postal de Braga.

Carlos Mariz, antigo aluno do Colégio de Esposende dirigido por Madame Renée Vieira, desde muito novo ingressou nos serviços dos C.T.T., obtendo sempre as melhores classificações nos concursos a que se submetia, chegando a Chefe de Departamento.

Durante muitos anos foi Chefe da Estação dos C.T.T. de Fão e Esposende, tendo desempenhado ao mesmo tempo com muito esforço de abnegação alguns cargos directivos nas várias instituições fangueiras, maxime, na Confraria do Bom Jesus de Fão.

Praticamente só depois de ser colocado em Braga deixou de trabalhar nas organizações da terra.

Felizmente que Carlos Mariz não esqueceu nunca o torrão que lhe serviu de berço, nem a rua das Pedreiras onde nasceu e onde mantém casa, casa que era de seus pais.

Carlos Mariz foi ainda uma boa caneta, colaborou na imprensa local e agora, mais livre de compromissos profissionais, esperamos que seja mais assíduo na terra onde tem amigos e admiradores.

Depois de se viver com eles algumas dezenas de anos, vamos aos poucos penetrando naquilo que eles consideram ser só deles, e vamos compreendendo muito das suas origens.

Os Makambas eram os naturais da região, ou pelo menos foram os primeiros a lá chegar e portanto a ocupá-la.

Só muito mais tarde chegaram os mahungos, dizem que foram mandados pela Rainha Ginga para ocupar aquelas terras.

A palavra **Mahungo** quer dizer que veio de fora, estrangeiro como nós o entendemos.

Depois da chegada dos Mahungos, os Makambas organizaram-se e atacaram os Mahungos que consideravam usurpadores.

ANTÓNIO TORRES

Comemorou no dia 18 de Novembro as suas cinquenta «primaveras» o nosso prezado amigo António Torres, funcionário Superior da Toyota, em Nantes, França. Não é todos os dias que se fazem 50 anos e por isso o nosso conterrâneo deslocou-se propositalmente a Fão e ao Porto para comemorar entre os seus tão festiva data.

António Torres teve a amabilidade de nos visitar e nós, ao assinalarmos a sua entrada no clube dos cincoentões, renovamos os nossos cumprimentos, formulando votos para que «Monsieur» Torrez tenha estes ataques de fangueirite aguda por muitos e muitos anos.

Os Makambas em maior número dominaram os Mahungos, que passaram a ser seus escravos. Os seus Chefes foram levados para cima do Mukixe e depois de um ritual, bem ao jeito da magia negra, foram lançados na falésia, despedaçando-se na queda.

Esta situação manteve-se durante algumas gerações.

Os Mahungos trabalhavam e entregavam o fruto do seu trabalho aos Makambas, seus senhores, e todo aquele que discordasse era levado para o Mukixe e sacrificado.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

VENDA DE PINHEIROS DE NATAL

Evitar o corte abusivo e incontrolado de pinheiros para árvores de Natal é o objectivo da campanha que, mais uma vez, vai ser realizada este ano pela Comissão Coordenadora das Comemorações do Dia Mundial da Floresta.

Procura-se, deste modo, defender a floresta portuguesa e simultaneamente, salvaguardar os interesses dos consumidores de pinheiros de Natal.

Neste sentido, foi estabelecido um programa, em colaboração com a Direcção Geral das Florestas e 21 autarquias, que estabeleceu em 150 escudos, o preço máximo de venda ao público de cada pinheiro nas seguintes localidades:

Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Coimbra, Entroncamento, Évora, Fafe, Lisboa, Loures, Oeiras, Porto, Santarém, Sintra, Torres Vedras, Vila do Conde, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Gaia, Vila Real e Viseu.

Carta da Póvoa

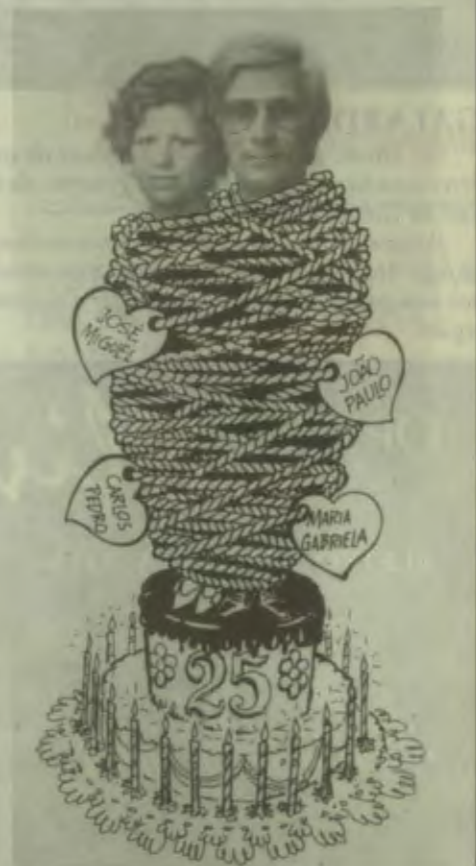
FELIZ ANIVERSÁRIO

De uma maneira singularmente festiva, o casal Lena-Zé Azevedo comemorou no dia 1 de Dezembro as suas bodas de prata.

Zé Azevedo, que toda a Póvoa conhece e estima, é jornalista e escritor, autor teatral e etnógrafo, lídimo representante de uma plêiade de homens de letras poveiros que encontra em Santos Graça uma referência marcante. A Lena tem sido a companheira certa e catalizadora de um homem vocacionado para se ultrapassar.

Mais de uma centena de amigos reuniu-se com o casal aniversariante, primeiro na igreja da Sr.ª das Dores, para a cerimónia da bênção das alianças; depois, no Casino, onde o génio do Zé «inventou» um menu gastronómico-artístico que dificilmente será esquecido por todos quantos a ele assistiram.

Ao casal em festa... até às Bodas de Ouro.



C.

Uma chávena de café

Às vezes fala-se das deficiências notórias dos Jornais Regionais, que vivendo da boa vontade dos seus colaboradores, expressam o amorosismo através dos artigos pessoais, moralizadores ou intencionados a tal, em detrimento da informação que é apanágio de qualquer meio de comunicação social.

Pedem-nos exemplos práticos dessas possíveis deficiências e nós indicamos o uso e abuso dos adjectivos, advérbios, tempos gerundivos, recursos estilísticos ou então dos chamados lugares comuns que não devem entrar em qualquer notícia que se preze.

Mas se os jornais regionais abusam do artigo pessoalizado, os jornais nacionais no seu esforço de objectividade e precisão, afirmam coisas que poderiam ser evitadas para

não criar o riso onde a gravidade impera.

Há dias, num dos jornais diários da capital nortenha, no corpo da notícia sobre um acidente de viação, escrevia-se: «Fulano de tal, X anos de idade, professor Y, sem morada conhecida...» Isto é grave ou então anedótico.

Perdoem-me a ousadia, mas eu direi que é um caso de polícia e o acidentado em causa, em vez de ter dado entrada no hospital deveria ter entrado na esquadra mais próxima.

Como pode hoje, um indivíduo andar pelas estradas do país num automóvel, sem indicação de residência?

Se eu fosse polícia e agora que o senhor em causa está felizmente recuperado, multá-lo-ia.

Há concerteza um erro jornalístico

co se não ingénuo, pois leva-nos a pensar maldosamente, a ter dúvida e maliciosamente a pensar, que é algum cadastrado.

MARIA ARLETTE SALGADO FARIA

5.Nov.1987

Festas de Nossa Senhora da Bonança de Fão

RECEITAS:

Listas de: Areosa Norte, 64.393\$00; Areosa Sul, 81.135\$00; Pedreiras, 62.650\$00; Ramalhão, 124.043\$00; Lários, 30.000\$00; Praia, 21.300\$00; Emigrantes, 66.657\$00; Peditório durante a procissão, 25.504\$00; Câmara Municipal de Espoende, 50.000\$00; Alberto Figueiredo (Apúlia), 20.000\$00; Luís Pimenta Machado (Guimarães), 15.000\$00; Lelo Castro (Barcelos), 10.000\$00; Hotel do Pinhal, 10.000\$00; Hotel de Ofir, 7.500\$00; Estalagem Parque do Rio, 5.000\$00; Automóveis Fernando Mendanha, 5.000\$00; Outros artigos, 21.150\$00; Estalagem Zende, 3.000\$00; Fábrica Normade, 3.000\$00. Total, 625.332\$00.

DESPESAS

Iluminação e Arraial (Casa Correia), 115.000\$00; Viana & Filhos (fogo), 50.200\$00; Escola de Música de Anha (Viana do Castelo), 69.938\$00; Folclore, 60.000\$00; Conjunto (Fanun), 20.000\$00; Fanfarras de Fão, 20.000\$00; Zés Pereira (Fragoso), 18.500\$00; Casa Rufino (Andores), 13.000\$00; Flores para os Andores, 8.630\$00; Padres para a procissão e Missa, 6.500\$00; Tipografia Vieira, 9.500\$00; E.D.P., 5.287\$00; Licenças, 2.560\$00; Seguro (fogo), 3.413\$00; G.N.R., 732\$00; Sêlos, telefonemas, e outras despesas, 13.145\$00. Total, 416.405\$00.

A Comissão de Festas agradece a todos os fangueiros e outros amigos, por todo o apoio que nos deram com os seus donativos e esperamos o mesmo apoio para o próximo ano, para que ainda se consiga fazer se possível melhor.

Aproveitando a quadra festiva que se aproxima, desejamos a todos um Feliz Natal e um Ano cheio de Felicidades.



GALARDÃO

No último número demos a notícia de que o nosso conterrâneo António Devesas de Sá Pereira tinha sido agraciado pelo governo da Coreia do Sul, na qualidade de Cônsul daquele país na cidade do Porto.

Porque as fotografias da cerimónia realizada em Seul chegaram tardiamente a este jornal, só hoje nos apraz registar o evento com testemunho visual, prosseguindo uma tradição que nos tem preocupado sempre: exaltar e registar todas as honras que contemplem filhos desta região.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

AZAL

O Mundo em que vivemos

O CRIME DE TER NASCIDO

Nascer é, cada vez mais, um «crime». Que o digam as crianças — em número cada vez maior — que são torturadas e até assassinadas pela sua própria família sem outro crime que o de terem nascido, do qual, como é óbvio, não são minimamente responsáveis.

Punidas por uma culpa que não lhes pertence, arrastam uma existência de sofrimento e de terror, que nada pode justificar.

O «Jornal de Notícias» tem publicado ultimamente uma série de casos capazes de despertarem o horror e a repulsa até nas pessoas que se dizem pouco impressionáveis. Tomamos a liberdade de aqui resumir alguns dos mais flagrantes:

No Hospital de Aveiro foi internada uma menina com um ano de idade, apresentando pelo corpito várias queimaduras provocadas por um morrão de cigarro. Pessoa que viu o estado em que a pequenina deu entrada no Hospital, declarou ao J.N.: — «Não tenho dúvidas de que as queimaduras foram provocadas com a intenção de infligir sofrimento à criança». Acresce ainda a suspeita de tentativa de violação, por parte do padrasto da infeliz menina.

Numa cidade dos Estados Unidos da América, uma mulher entregou a sua filhinha de 6 anos a dois rapazes, de 22 e 22 anos, chegando ao cúmulo de segurar à força a pobre criança para aqueles a violarem!...

Comentários, para quê? Os factos, em toda a sua brutal crueza, são por demais eloquentes.

Ainda no mesmo jornal diário se lê que, «no Brasil são espancadas 150 mil crianças por ano» e que, em Portugal, «30 mil crianças são violentadas todos os anos»; em 1986, só no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, 8% das crianças internadas por maus tratos, não resistiram e sucumbiram aos ferimentos.

Ficamos por aqui. O que foi narrado já chega para dar que pensar. Neste ano em que se comemorou o centenário do nascimento do Padre Américo, o grande amigo e protector das crianças sofredoras, deixamos aqui um apelo:

Quem acode aos pequeninos se-re, inocentes e indefesos, que estão a pagar tão caro pelo «crime» de terem nascido?...

E. REAL



**o melhor café
é o da**

**A BRASILEIRA
PORTO**

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Então esse colesterol tem aumentado ou não? Com tantas receitas gostosas não há colesterol que resista, não é verdade?

Por isso aqui vai um excelente

FRANGO DE FRICASSÉ

Tira-se-lhe as vísceras, parte-se em bocados e lava-se muito bem.

Deita-se numa caçarola, onde já está toucinho derretido, manteiga, bocadinhos de presunto picado muito miudinho, salsa, cebola, pimenta e sal. Deixa-se refogar em lume brando, acrescentando de vez em quando um pouco de caldo, para o frango cozer.

Logo que esteja cozido, tira-se a caçarola do lume, retira-se a cebola e a salsa e junta-se, para ligar com o molho, gemas de ovos previamente batidas com sumo de limão e um pouco de salsa picada muito fininha.

Vai de novo a caçarola ao lume, para os ovos cozerem, servindo logo de seguida.

E, para os mais gulosos, a sobremesa, com um

PUDIM DE BANANA

Bananas — 8.

Açúcar — 125 gramas.

Canela — q.b.

Casca de limão ralada — q.b.

Ovos — 5.

Vinho do Porto — 1 colher de sopa.

Passam-se as bananas pelo «passe-vite» e levam-se ao lume com o açúcar em ponto, a canela, a raspa de limão e o vinho do Porto, mexendo o suficiente.

Tira-se, depois, e deixa-se arrefecer, juntando-lhe então as 5 gemas. Deita-se numa forma untada com açúcar queimado e coze-se em «banho-maria».

E por hoje, é tudo.

Um abraço amigo da

TIA MARIQUINHAS

DISTINÇÃO CONFERIDA A UM ESTABELECIMENTO FANGUEIRO

Assinado por R. G. Care, Director of Research Quality Control Reviw Limited, o nosso amigo Valdemar Marinho Alves, recebeu um officio em que lhe é comunicado que a sua empresa (Panificadora Bom Jesus) foi premiada com a — Medalha Internacional À Qualidade/1987 (International Quality Medaie/87) na sétima edição da Selecção Mundial das melhores marcas de Produtos alimentícios e Bebidas que tradicionalmente outorga a Organização, em base a dados de controle de qualidade recolhidos periodicamente da área de Espanha e de outros países mediterrâneos.

Daqui enviamos os nossos parabéns, pois congratulamo-nos com todas as distinções que premeiem pessoas e organismos da terra.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

2.º Congresso da Imprensa Regional

Reune na Póvoa de Varzim

Organizado pelo Instituto Português da Imprensa Regional, da Póvoa de Varzim, reuniu naquela cidade o 2.º Congresso da Imprensa Regional, tendo participado 200 congressistas em representação de 46 jornais regionais e 3 rádios locais.

O encontro onde foram discutidos vários problemas que afectam a Imprensa Regional contou com a presença, entre outras individualidades do Director Geral da Comunicação Social, dr. José Luís Alves da Cunha, do Director da Delegação no Porto da Direcção da Comunicação Social, dr. Diálio de Freitas e do Vice-Governador Civil do Porto, Jorge Araújo.

FESTAS DO SENHOR DE FÃO

A Comissão de Festas do Bom Jesus que realizou os festejos da pascoela nos últimos anos já declarou que este ano vai levar a cabo as referidas festas. A Confraria do Senhor Bom Jesus faz um apelo ao bairrismo fangueiro e convida outros comissionistas a tomarem sobre os seus ombros a realização das festas do Senhor Bom Jesus de Fão de 1988. O tempo urge.

Como a comissão cessante ficou com um remanescente que ultrapassa a centena de contos, cremos que as dificuldades para os festeiros vindouros já se encontram aplanadas. Estas coisas dão trabalho mas o progresso de uma terra implica sempre trabalho para os seus moradores.

Entre outras moções foi pedida ao Governo a isenção de todos os impostos que oneram a Imprensa Regional, designadamente o IVA; foi ainda reclamada a Carteira Profissional para alguns jornalistas da Imprensa Regional, igual à da imprensa diária, igualmente se fez sentir ao Governo a necessidade da publicação na Imprensa Regional Portuguesa, por força da lei, de escrituras,

CARTA A ALGUÉM

(Continuado da página 8)

dos mais pobres. Ele, que nascera umas palhinhas, sinal de humildade, dava as melhores prendas aqueles que tudo já tinham, a quem nada faltava!

Tal pensamento contudo desaparecia logo de seguida, pois a certeza era a de que o Menino Jesus gostava de todos igualmente. Assim se dizia.

Mas para a diferença de prendas tinha então de haver uma razão, e forte.

Pensavam nas asneiras feitas ao longo do ano, dos palavrões ditos, na fruta tirada, às vezes ainda verde, etc., etc.

E logo prometiam para si, emendarem-se, para no próximo natal serem merecedores de melhores prendas.

Longe andavam aquelas cabecitas de saber que o menino Jesus nem dava prendas, nem descia pelas chaminés, mas sim, que elas eram dadas pelos pais e de acordo com as posses de cada um.

Por isso a uns tudo e a outros, pouco, ou nada...

ARMINDO DUARTE

certidões e outros documentos notariais, anúncios de bastas públicas promovidos nos processos de falência instaurados pelas Repartições de Finanças, assim como de concursos públicos de empreitadas das câmaras municipais e juntas de freguesia.

Sobre esta última alínea nós entendemos que devia existir rotatividade entre os jornais locais para evitar que algumas publicações sofram tratos da polé como aconteceu com «O Novo Fangueiro» no concelho de Esposende.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Casanova
Arlete Faria
José Ramos da Silva
Cecília Paixão Amorim

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como da especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito da ortografia e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos de seu género. A 1.ª edição em 1950 actualizada quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua da Universidade, 285-289 PORTO Centro
Livraria ARMANDO LDA. Rua de João Álvares, 8-11 Apart. 3.º 2007 CAMPUS Colégio
BVP L. RUMINENSE LDA. Rua de S. João Baptista, 5-6 1700 LISBOA

DESPORTO



OUVINDO UM DOS RESPONSÁVEIS PELA CANOAGEM FANGUEIRA

NÉ VIEIRA MOSTRA-SE ENTUSIASMADO E CHEIO DE ESPERANÇA

Né Vieira é hoje um dos homens que movimenta Fão. Este movimento não significa criar fábricas, lojas, postos de trabalho. Aqui movimento quer dizer realmente movimento físico, quer dizer desporto, mais acertadamente, canoagem. Né Vieira é um moço responsável de Fão que tem bem nítida a consciência de que um fangueiro não vive, não pode viver só para si, tem que viver para a comunidade. O Né assim tem feito. Há uns anos atrás criou o M.P.C.C. que foi um organismo dirigido por e para jovens. Depois deu-se a travessia do deserto ou melhor, deu-se a retirada para Capua onde Aníbal, perdão, Manuel Vieira, se pôs a gozar as delícias da vida.

Foi no entanto sol de pouca dura. Hoje empenha o leme da canoagem, foi um dos seus criadores, é um grande entusiasta e um dedicado dirigente. Impunha-se ouvi-lo, o que não foi difícil, pois Né é quase visita obrigatória lá de casa. É por causa do concurso...

E a primeira pergunta surgiu:

— Já está fundado o Clube Náutico de Fão?

— A escritura já foi feita no dia 16 de Outubro no notário de Esposende. Nós já actuávamos com independência, mas agora somos independentes de facto e de direito.

— Criado o Clube o que importa fazer de imediato para o Clube se afirmar?

— Quem casa quer casa. E nós estamos seriamente empenhados em arranjar uma casa que será naturalmente o Posto Náutico. A Câmara e a Junta já se manifestaram interessados.

— O Clube Fãozense aceitou de bom grado a vossa atitude de emancipação?

— A nossa actividade pautou-se sempre por uma ampla autonomia administrativa e financeira; mas a nossa ligação ao Clube Fãozense ocasionava-nos alguns impedimentos a nível de obtenção de subsídios oficiais, porquanto os responsáveis não viam com agrado as actividades do Clube nos seus aspectos lúdicos. As enormes carências que esta Colectividade hoje sente e por outro lado os anseios e planos perspectivados para a secção fizeram com que a nossa atitude fosse compreendida. Sentimos que a actual Direcção do Clube Fãozense encarou com normalidade os nossos projectos e deparámos com facilidades e com um certo empenhamento para que o nosso futuro fosse risonho.

— E quanto ao património: barcos e demais material?

O património é pertença logicamente do Clube Fãozense. Mas nós vislumbramos uma atitude de colaboração por parte dos sócios do Clube entre os quais nos incluímos. Dos sócios e da Direcção. Quando a realidade de outras situações mostra conflitos aborrecidos e às vezes insaciáveis, aqui pelo contrário sentiu-

se o melhor espírito da colaboração, o que espanta muita gente de fora.

— As estruturas do Clube como vão formar-se?

— Naturalmente como em qualquer outro clube. Terá que haver uma assembleia para a eleição dos corpos gerentes.

— Tem havido boa recepção por parte dos fangueiros?

— Sim, bastante. Já várias pessoas mostraram desejos em colaborar. Não esperam qualquer regalia, mas apenas querem participar e ajudar.

— A sobrevivência de canoagem não se punha em causa porque vivia enconstrada ao Clube Fãozense. Num futuro próximo ou longínquo não haverá crise de dirigentes (náuticos)?



— A crise para já não se perspectiva e quando se trabalha com jovens, o dinamismo é mais intenso, o espírito é muito mais saudável e o êxito constitui sempre uma parte do querer.

— Tem havido ajudas?

— É muito positivo o apoio da Câmara e agora da Junta de Freguesia; com agrado se verifica o oferecimento de material de várias firmas do concelho. As exigências são cada vez maiores a nível competitivo e o material de qualidade é bastante caro. Daí o nosso apelo para que o maior número de fangueiros apoie a nova colectividade. Temos preparado com uma dedicação e um entusiasmo por parte do vereador do pelouro, dr. António Nogueira. Ele ultrapassa-se em resolver as situações mais diversas. Aproveito a ocasião para agradecer de um modo muito especial a preciosa ajuda do Sr. Alcindo Gonçalves. Se não fora o seu jeep, não tínhamos comparecido a algumas provas. O jeep e outros benefícios. Voltando à terra: há muitos fangueiros que se sentem contentes com o trabalho já desenvolvido por nós. Mas os mais entusiastas são os familiares dos atletas.

— Pelo tratamento que dão aos atletas, pode dizer-se que um canoísta é só canoísta?

— Um canoísta é acima de tudo um atleta que pratica a canoagem. Desenvolve em alto grau o sentido da disciplina, lealdade e perseverança. É um grande amigo do rio e é também um grande baírrista.

— Que perspectivas para o futuro?

— Sem dúvida que o melhor espírito e a melhor boa vontade determinarão um bom trabalho em equipa. Estamos a desenvolver tarefas planificadas que permitirão resultados agradáveis e consentâneos com o valor dos nossos atletas. Temos consciência que estamos ao mesmo tempo a formar atletas e homens com alto sentido das suas responsabilidades.

Com este bate-papo terminou a nossa conversa com um dos responsáveis pelo aparecimento e manutenção da canoagem na terra. Fazemos votos que a chama viva se mantenha por muitos anos e que grandes êxitos esperem os nossos atletas.

CANOAGEM

Em Melres realizou-se em 14 de Novembro um controle nacional para seniores e juniores — provas de água e física — tendo o Clube Náutico de Fão obtido em canoa olímpica o 1.º lugar através de Emílio Araújo. O nosso conferrâneo conseguiu superar o campeão nacional em marca e pontuação.

— Também no dia 28 do mesmo mês houve controle para cadetes, tendo o antigo campeão de infantis e nosso conferrâneo — Belmiro Penetra, obtido um honroso 2.º lugar na classificação geral.

Nesta prova foram apurados 7 atletas para a selecção nacional de cadetes.

A nossa terra foi visitada ultimamente pelo Presidente da Federação Portuguesa de Canoagem, Ferreira da Silva, e pelo treinador Nacional, o polaco Szubski, que se encontraram com os nossos atletas no quintal do Minguinhos. Ao ver a aparelhagem fortemente caseira e rudimentar em que treinavam os canonistas fangueiros, aquele antigo campeão da Polónia animou a rapaziada local, dizendo: «o que de melhor vocês têm é a força de vontade e é essa que faz campeões.»

Nos testes de Melres também foi qualificado para a selecção nacional de K1D o canoísta do C. N. Foz do Cávado — Américo Magalhães.

O litoral concelhio está a voltar às raízes.

Para o próximo ano o Clube Náutico de Fão vai organizar uma prova para o Campeonato Nacional de Maratona, que já realizou há dois anos.

E por todo este belo comportamento da rapaziada local, pergunta-se: para quando o Posto Náutico?

FUTEBOL

A equipa do C. F. de Fão tem tido um comportamento agradável no Campeonato da A. F. de Braga.

Últimos resultados:

Fão, 2 - Ferreirense, 1; Lagense, 4 - Fão, 1; Fão, 1 - Lousa, 1.

A equipa de Fão situa-se em 3.º lugar em igualdade de pontos com mais 2 equipas.

★

O Esposende ganhou ao Mirandela por 2-0. O lugar que ocupa na tabela classificativa é o 2.º a dois pontos do primeiro. Vamos a ver se desta vez passa à Segunda Divisão Nacional.

Carta a alguém

Emigraste!... embora não tivesses aquela necessidade que leva muitos dos nossos compatriotas a rumarem à estranja.

Mas fizeste-o...!

Já se passaram bastantes anos sobre a tua ida e não mais deste notícias. Parece teres esquecido a terra que te foi berço.

Mas não. Há pelo menos uma época do ano que te obrigará a pensares na tua e nossa terra.

É a época do Natal.

Não podes deixar de te lembrar, já que a noite de Natal é propícia a recordações.

Noite Santa. Noite de Paz, Concórdia e Harmonia. Noite maravilhosa!

As famílias procuram, sempre que possível, reunir à mesma mesa a maioria dos seus membros. E, então, é um desfiar de coisas passadas.

Recorda-se a infância, em que o Natal principiava com as novenas ao Menino Jesus.

A catraçada acorria a cantar «oh infã...ante Suavíssimo...».

Depois, na tarde da Ceia, era uma presença em casa a ver fazer as rabanadas — passando os dedos por elas e lambendo-os, sempre que a avó estava distraída ou voltava as costas — e a aletria.

Já próximo da noite era o cozer, empanelas grandes, as batatas e o bacalhau; a hortaliça era metida em cima da hora, pois necessitava de uma fervura.

Entretanto ia-se pondo em redor da lareira as pinhas mansas para melhor abrirem com a acção do calor, e os pinhões saírem mais facilmente. As pinhas eram guardadas, algumas dadas a familiares, para servirem de talismã nos dias e noites de trovoada. Era sempre bom ter em casa pinha mansa aberta na Noite de Natal, diziam os «antigos». e o avô ia partindo as nozes para serem comidas no fim da ceia juntamente com figos. Sabia a casar, diziam. Lembras-te?!...

Tudo pronto. Todos presentes. Lá seguiam as travessas fumegantes para a mesa.

Comia-se com apetite e alegria, sem pressas. Na noite de Natal não as há. É Noite dedicada à família.

Acaba a Ceia com as rabanadas, aletria, figos, nozes e nunca falta um cálice de vinho fino (vulgo vinho do Porto). Havia sempre uma garrafa, nem que fosse do mais baratinho, para a Noite de Natal.

Mandava a tradição que se não levantasse a mesa. Tapavam-se as travessas do doce e assim ficava, pois, segundo a mesma tradição, pela noite dentro as «alminhas» vinham

comer as migalhas que ficavam sobre a toalha. Esta era sempre a melhor que havia na casa, e só saía da mala para ser posta na Noite de Natal. Depois de lavada, voltava à mala onde jazia por mais um ano.

Seguia-se um procurar de lugar junto à lareira, onde se recordavam os ausentes, e se conversava até bastante tarde.

A catraçada, essa já andava pelo chão a jogar ao rapa. Servia de moeda, os pinhões.

Logo que chegava o «doutor pestana» ala p'rá cama, não que sem antes pusessem junto à lareira os sapatos, botas, socos ou chancas, para receberem as prendas que o Menino Jesus, pela alta da noite, vinha deixar, descendo pela chaminé.

Mal luzia o dia era um correr para ver as prendas postas pelo Menino Jesus.

Alegria para uns e desilusão para outros.

A maioria as prendas deixadas não correspondiam ao desejado.

Aos mais pobres, às vezes nada, outras uma peça de roupa para ser estreada no dia de Natal, uns figos, nozes e uns chocolates pequenos, quando calhava.

Enquanto que a outros, bons brinquedos!

De manhã, na rua, era um comprar de prendas com os outros rapazes da rua — mais desilusão!

E pelas cabeças da pequenada, por vezes, passava o pensamento de que o Menino Jesus não gostava dos menos favorecidos,

(Continua na página 6)

Um verdadeiro milagre

Esta foi-nos contada pelo dr. Carvalho de Matos que nos garantiu a sua autenticidade. Foi na tasca do nosso Zé, socairinho onde hoje se reúnem os melhores copos da região. O sumo da parra é capitoso, escorre bem e aconchega, como soe dizer-se. Daí o nosso Zé ser muito acientado.

Ora um destes dias, não mais de há dois meses, encontrava-se lá um pedreirense, habituê de longa data, que a par das libações da praxe, fazia cara de sofrimento sempre que se movimentava.

— Mói, o que é que tens? — perguntou-lhe um dos compinchas.

— Tenho cá uma dor num dedo do pé que me dá cabo do juízo.

— Olha, eu também tinha uma dor neste pé — e levantou a perna esquerda — mas arranjei cá uma pomada e aquilo foi trigo limpo.

— Morrão, arranja-me essa pomada que eu ficava-te muito agradecido.

E com os olhos para o céu, ia dizendo: «Minha Nossa Senhora!»

— Bem, eu neste momento emprestei ao Zé P., mas tu vais lá, e dizes-lhe para te dar a pomada, que mando eu. Ele também tinha umas dores do raio e a coisa passou-

lhe. Mas olha que ele hoje está para fora. Será melhor ir a casa dele noutra dia.

— Tá bem, irmão, és um porreirão.

Passados dias o homem das Pedreiras vai a casa do Zé P.

— É pá, venho cá buscar a pomada que te emprestou o António. Foi ele que me mandou cá.

O outro, que não tinha recebido qualquer pomada de quem quer que fosse, fez a princípio uma cara de estranheza, mas pensando melhor, viu ali mouro na costa e logo acudiu:

— Pois é, mas já lha dei. Foi ontem que ele passou por aqui.

— Morrão, e aquilo faz bem?

— Oh! Nem queiras saber. Aquilo é mesmo uma pomada milagrosa.

Passados dias na tasca do nosso Zé.

— Ocarai! Tu já recebeste a pomada. Foi o Zé que disse que já ta deu.

— Tenho, tenho, está aqui. — E do bolso retirou uma caixa sem rótulo, cheinha de matéria orgânica, expelida via anal, e entregou-lha. — O cheiro não é bom, mas isso é uma maravilha. Não a gastes toda que há gente sempre a consumir-me.

— Tá bem, mói. P'rá semana já ta dou.

Na semana seguinte, no socairinho do costume.

— Então, pá?

— Eh! Morrão! Bem dizias tu. Aquilo foi de caixão à cova. Bastou-me esfregar o dedo três noites seguidas e a dor foi um ver se te avias.

— Eu bem te tinha dito. E o resto?

— Eu trouxe o que sobrou. É pouco. Sabes, um vizinho também se vinha a queixar e eu emprestei-lhe a caixa. Ele fez umas fricções e a dor nunca mais veio. Um verdadeiro milagre.

A. S.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO